

TRANSFORMAÇÕES URBANAS NA CIDADE DE VITÓRIA DO XINGU/PA FACE A CONSTRUÇÃO DA USINA HIDRELÉTRICA DE BELO MONTE

Genilson Santana Cornélio¹
Márcio Douglas Brito Amaral²

Resumo: O objetivo central do trabalho é analisar as principais transformações espaciais ocorridas na relação da cidade com o rio, em Vitória do Xingu, no estado do Pará, em face da instalação da Usina Hidrelétrica de Belo Monte e sua inserção na fronteira energética imposta à Amazônia. Em termos metodológicos, foi feita a revisão teórico-conceitual e o trabalho de campo (com registros fotográficos, produção de mapas e aplicação de formulários). Argumenta-se que através da construção da hidrelétrica houve mudanças significativas na dinâmica urbana, reveladas na requalificação do porto da cidade (sua orla fluvial), no adensamento e modernização da área principal de comércio e serviços e no surgimento de novos espaços de assentamentos no interior da cidade, principalmente, no eixo rodoviário.

Palavras-chave: Amazônia. Transformações urbanas. Urbanodiversidade. Vitória do Xingu. Hidrelétrica de Belo Monte.

URBAN TRANSFORMATIONS IN THE CITY OF VITÓRIA DO XINGU, STATE OF PARÁ, IN FACE OF THE CONSTRUCTION OF THE HYDROELECTRIC PLANT OF BELO MONTE

Abstract: The main goal of this paper is to analyze the main spacial transformations that happened in the relationship between the city and the river in Vitória do Xingu, state of Pará, related to the installment of the the Hydroelectric Plant of Belo Monte and it's insertion in the energetic frontier imposed to the Amazon. In methodological terms, a theoretical-conceptual review and field trips were made (with photographic records and formulary applications). It is argued that through the construction of the Hydroelectric plant, significant changes happened in the urban dinamic, revealed in the requalification of the city port (its waterfront), consolidation and modernization of the services and business main area and the surge of new settlement spaces in the city's countryside, mainly the road axis.

Keywords: Amazon. Urban transformations. Urban-Diversity. Vitoria do Xingu. Hydroelectric of Belo Monte.

TRANSFORMACIONES URBANAS EN LA CIUDAD DE VITÓRIA DEL XINGÚ/PÁ ANTE LA CONSTRUCCIÓN DE LA CENTRAL HIDROELÉCTRICA DE BELO MONTE

Resumen: El objetivo central del trabajo es analizar las principales transformaciones espaciales ocurridas en la relación de la ciudad con el río, en Vitória del Xingú, en el estado de Pará, en la face de instalación de la central Hidroeléctrica de Belo Monte y su inserción en la frontera energética impuesta a la Amazonia. En términos

¹ Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Altamira, Brasil, genilsoncornelio@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-4600-5862>

² Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Belém, Brasil, marcioamaral@ufpa.br, <http://orcid.org/0000-0002-2094-3044>

metodológicos, fue realizado la revisión teórico- conceptual y el trabajo de campo (con registros fotográficos, producción de mapas y aplicación de formularios). Argumentando que através de la construcción de la hidroeléctrica hubo cambios significativos en la dinámica urbana, reveladas en la recalificación del puerto de la ciudad (su frente fluvial) en la densificación y modernización del área principal del comercio, servicios y en el surgimiento de nuevos espacios de asentamientos en el interior de la ciudad, principalmente, en el eje vial.

Palabras clave: Amazonia. Transformaciones urbanas. Diversidad Urbana. Vitória del Xingú. Hidroeléctrica de Belo Monte.

Introdução

Os espaços urbanos são frequentemente transformados pela ação humana e pelo modo de organização coletiva da sociedade através do trabalho, e desse processo resultam paisagens diversas, construídas através da materialização humana no espaço. Essas ações ao longo do tempo se configuram em espaços que marcam temporalidades distintas, ora afirmando reflexos do passado, ora apontando novos elementos e novas práticas sociais sobre o espaço.

Na esteira desse processo, destaca-se a pequena cidade de Vitória do Xingu, no estado do Pará, local onde se verifica uma incorporação de capitais externos à região como forma de expansão da matriz energética brasileira através da construção da Usina Hidrelétrica (UHE) de Belo Monte. Esse evento representou formas de acumulação de capitais através da exploração dos recursos naturais.

Após esse evento, a cidade de Vitória do Xingu passou a vivenciar lógicas diferenciadas em decorrência da instalação de uma das maiores hidrelétricas do mundo, o que lhe conferiu certas particularidades e novas dinâmicas espaciais intraurbanas, inserindo a cidade no contexto da nova fronteira energética para a Amazônia.

O início do processo de construção da hidrelétrica, em 2011, provocou um conjunto de ações e mudanças na cidade como forma de condicionantes³ aos impactos ocasionados pelo empreendimento ao território municipal. Com efeito, essas ações passaram a representar alterações na dinâmica espacial, social e econômica da cidade, impondo lógicas modernas ao espaço urbano.

³ As condicionantes são uma série de compromissos que o empreendedor e o Governo Federal assumiram para obter e manter a autorização do empreendimento. Traduzem-se enquanto obras e ações como forma de atenuar os impactos nos municípios atingidos.

Isto posto, objetiva-se nesse texto analisar as principais transformações espaciais ocorridas na cidade de Vitória do Xingu face a instalação da UHE de Belo Monte. Para alcançar o objetivo da pesquisa foram necessários: a) pesquisas bibliográficas relacionadas à produção do espaço (LEFEBVRE, 2013) e à urbanodiversidade amazônica (TRINDADE JR., 2013); b) registros de campo (fotografias) nos espaços centrais da pesquisa (o Porto da cidade, o Eixo principal de comércio e serviços e os espaços de ocupação intraurbano); c) aplicação de formulários, o que permitiu verificar, a partir das respostas dos informantes, as principais mudanças ocorridas na cidade em função da construção da hidrelétrica.

O texto está estruturado em introdução, seguido de quatro seções, além das considerações finais. A primeira seção apresenta uma discussão teórica relacionada à teoria da produção (social) do espaço, assim como a ideia da urbanodiversidade amazônica. A segunda seção, já revelando as transformações ocorridas na cidade de Vitória do Xingu em função da construção da hidrelétrica de Belo Monte, destaca as alterações espaciais no Porto da cidade. A terceira seção evidencia o processo de modernização do espaço da cidade a partir dos estabelecimentos comerciais. Por fim, a quarta seção expõe os elementos de mudança visualizados nos espaços de assentamento da cidade.

A produção (social) do espaço e a “urbanodiversidade” amazônica

O processo de produção do espaço urbano amazônico remonta ao processo de surgimento das primeiras cidades amazônicas. Sua organização ou a própria estruturação ocorria a partir de duas situações básicas: das condições do modo de vida das pessoas e/ou a partir de demandas e influências de projetos regionais/nacionais. Analisar essas situações significa refletir as relações de causa e efeito, ordem e desordem, sistema de objetos e sistema de ações que caracterizam a produção do espaço dessas cidades a partir de frentes de expansão da fronteira urbana amazônica (BECKER, 2013).

Por esse ângulo, as proposições de Santos (2012) consideram o espaço como uma instância da sociedade em que “ele contém e é contido pelas demais instâncias (sejam elas sociais, econômicas, políticas, institucionais, culturais) assim como cada uma delas o contém e é por ele contida”. Assim, interpretamos a partir

das colocações do autor que a “essência do espaço é social” (SANTOS, 2012, p. 12).

Nesse sentido, deparamo-nos com a abordagem de Lefebvre (2013) sobre o espaço emergido numa teoria social marxista, que nos possibilita a compreensão de que as análises do/no/sobre o espaço só fazem sentido quando o “espacial é incorporado à dinâmica das forças produtivas e das relações de produção” (LEFEBVRE, 2013, p. 47). Assim, a pesquisa salienta a noção de produção (social) do espaço e não apenas a produção de objetos no espaço ou de um produto qualquer. A produção social do espaço envolve a compreensão dos objetos produzidos, além do entendimento da relação, coexistência e simultaneidade absoluta ou relativa com outros objetos.

A partir dessa perspectiva, compreende-se que a produção se expressa através de uma sucessão de processos haja vista uma certa “espacialidade” ou uma “funcionalidade” a ser produzida. Temporalmente e espacialmente compõe uma ordem de ações encadeadas cujos resultados coexistem (LEFEBVRE, 2013).

Desse modo, o processo de produção do espaço engloba uma diversidade de formas e objetos e essas produções nem sempre apresentam traços de seus produtores ou sequer do processo de produção. Isso permite-nos refletir que a produção do espaço não se restringe apenas à materialidade, vai além, pois o espaço não é apenas condição para a produção. Essas proposições nos remetem a analisar a relação dialética entre a produção e o produto, e não realizar uma análise de produtos sem produção ou de produção sem produtos (LEFEBVRE, 2013).

Isto posto, adverte-se que o espaço (social) não pode e nem deve ser interpretado apenas através dos objetos, pois os objetos não se restringem apenas a materialidade em si. As reflexões sobre o espaço carecem de análises sobre as relações que se estabeleceram ao longo do tempo através das atividades sociais, apreendendo as relações que não afetam a espacialidade dos objetos, assim como as relações que os reconfiguram (LEFEBVRE, 2013).

Podemos considerar a partir da proposição de Santos (2012) que não existe produção material em si sem a produção de relações que fazem produzir espaço. O espaço não se configura apenas pelo material ou pelos objetos, no entanto, ele é isso, mais a sociedade.

A cidade se revela então, a partir dessas colocações, como um campo privilegiado de análise, tendo em vista a diversidade de atividades sociais

desenvolvidas ao longo do tempo. Assim, não podemos interpretar a cidade enquanto uma simples produção espacial. Ela é fruto de uma produção (social) do espaço, é produzida e reproduzida conexas às atividades sociais, às forças produtivas e às relações de produção (LEFEBVRE, 2013). É preciso considerar que as dinâmicas sociais exercidas sobre as cidades ao longo do tempo apresentam configurações espaciais com conteúdos urbanos que agregam as distintas temporalidades, evidenciando uma pluralidade de usos e apropriações do espaço.

No que se refere ao processo de produção do espaço urbano amazônico, verifica-se a coexistência de usos e apropriações do espaço marcadas por distintas temporalidades, algumas delas sinalizam características externas à região e outras apresentam características, modos de vida e práticas sociais historicamente estabelecidas na Amazônia.

Esses conteúdos urbanos podem ser expressos revelando mudanças frente as relações existentes ou não. Para assimilar essas características urbanodiversas torna-se importante uma conceituação a partir dos escritos de Trindade Jr. (2013) sobre o que ele estabelece como “urbanodiversidade”.

A urbanodiversidade assim entendida é revelada não somente por diversas formas de cidades e pela existência de múltiplos tipos de urbanização que decorrem normalmente de processos originados externamente à região, mas também por formas complexas de espaços que indicam a hibridização de relações definidas por contatos e resistências em face desses movimentos de diferentes naturezas que chegam à região (TRINDADE JR., 2013, p. 18).

Do mesmo modo, Oliveira e Schor (2008) também avançam nesse debate relacionado à diversidade territorial e urbana existente na Amazônia. Ao analisarem as características das cidades do estado do Amazonas, os autores reforçam o argumento da complexidade do urbano, por meio da coexistência de diferentes sujeitos produzindo espacialidades diversas e, ao mesmo tempo, articulando as “estruturas preexistentes quase sempre locais, às novas dimensões agora globais” (OLIVEIRA; SCHOR, 2008, p. 16).

Assim, a urbanodiversidade pode ser compreendida pelas ações de produção do espaço que se entrecruzam entre elementos e processos recentes em meio a formas e conteúdos urbanos pretéritos. Esse princípio nos leva a pensar as cidades amazônicas como sendo eminentemente heterogêneas, coexistindo uma multiplicidade de tempos e espaços.

A construção da UHE Belo Monte e as alterações espaciais no Porto da cidade

Não se pode negar que a construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte ocasionou algumas transformações na estrutura da cidade, nos mais diversos espaços, porém, é necessário investigar em que medida essas alterações provocaram mudanças nos conteúdos sociais e nas relações desenvolvidas pela população local com o espaço. Nessa busca de evidenciar o que muda e o que permanece em termos de forma e conteúdo no Porto da cidade após a construção da UHE Belo Monte, um caminho possível é analisar as novas estruturas construídas.

Anterior a construção da hidrelétrica, a partir da perspectiva da lógica da modernização do espaço, a cidade de Vitória do Xingu era um espaço com características físicas e sociais precárias. No entanto, após o início das obras da usina e a partir do momento em que o município passa a receber os *royalties*⁴ derivados da compensação financeira pela utilização dos recursos hídricos, a cidade ganha novos traços urbanísticos, acarretando em mudanças em sua estrutura.

Os repasses recebidos anualmente equivalem ao quádruplo do valor arrecadado por ano pelo município (MIRANDA NETO, 2016). Esses valores recebidos pelo município em forma de royalties derivados da construção da hidrelétrica resultam em alterações no espaço intraurbano da cidade, como a construção de novos objetos, além de reformas e ampliações em estruturas já existentes.

Não se trata de afirmar que todas as estruturas construídas, além das reformas, ampliações e a requalificação ocorridas no Porto da cidade após o ano de 2011 são oriundas da construção da hidrelétrica. No entanto, cabe ressaltar que as obras realizadas pelo poder público municipal dependem, em grande medida, dos recursos repassados ao município através dos royalties provenientes da construção

⁴ “Trata-se da Compensação financeira pela Utilização dos Recursos Hídricos (CFURH), que no total soma R\$ 160 milhões anuais. Destes, R\$ 70 milhões são destinados ao Governo do Estado e R\$ 88 milhões aos municípios da área de influência direta da usina hidrelétrica. Os municípios mais beneficiados são: Altamira, com R\$ 35 milhões/ano e Vitória do Xingu, que receberá, por ano, o equivalente a quatro vezes a arrecadação anual do município. Brasil Novo, que possui apenas 1% do reservatório em seu território, receberá apenas 61 mil reais em royalties. Segundo um estudo do Ministério das Minas e Energia (2009), há três justificativas para o pagamento de Royalties: a) a existência da propriedade; b) a exaustão dos recursos; e c) a renda econômica, isto é, as diferentes qualidades dos locais de extração mineral determinados pela renda diferencial” (MIRANDA NETO, 2016, p. 158).

da usina. Dessa forma, há sim uma relação⁵ entre as alterações na área do Porto da cidade e a construção do empreendimento.

As transformações verificadas no Porto da cidade ocorridas a partir de 2011 são, na maior parte delas, de caráter estrutural, que alteraram a forma, acrescentaram novos elementos, e apontaram para algumas mudanças na função desses espaços. Um exemplo disso é a pequena praça construída no Porto da cidade (figura 1), onde anterior a sua construção o espaço caracterizava-se como uma área de transição entre o terminal rodoviário e área de embarque e desembarque. Após a construção da praça, a área passou a desempenhar uma nova funcionalidade, ligada ao lazer e a contemplação da paisagem.

Figura 1 - Praça no Porto da cidade.



Fonte: Os autores (2021).

No entanto, há algumas situações em que as transformações espaciais não sobrepõem o uso social. A reforma e a ampliação do terminal hidro-rodoviário e o processo de requalificação do Porto e/ou da orla (figura 2), por exemplo, não alteraram, de forma substancial, os conteúdos desenvolvidos pelos sujeitos que os utilizam. A mudança na forma não impactou na função desempenhada pelo terminal, tão pouco pelo Porto.

⁵ Tradicionalmente a prefeitura faz intervenções nas estruturas (manutenção), mas o que se observou foram transformações intensas através dessa possibilidade financeira provocada pela hidrelétrica.

Figura 2 - Estrutura do terminal hidro-rodoviário da cidade.

Fonte: Os autores (2021).

Outro exemplo de mudança ocorrido no Porto da cidade é a construção da Prainha (figura 3), onde são visualizadas transformações tanto em relação à forma, quanto em relação aos conteúdos desenvolvidos pelos sujeitos com o espaço. Tendo em vista alteração espacial ocorrida para dar lugar à praia artificial, verifica-se a mudança da função desempenhada pelo antigo local, que servia como um espaço de ancoragem para pequenas e médias embarcações. Atualmente o espaço abriga uma praia artificial, utilizada para a prática do banho de rio e como contemplação da paisagem, desempenhando uma nova função, destinada à prática do lazer.

Figura 3 - Espacialização da área da Prainha no Porto da cidade.



Fonte: LEDTAM/UFPA (2021). Organização dos autores.

Em suma, são estas as principais transformações verificadas no Porto da cidade após a construção da hidrelétrica: a construção da Prainha, a reforma e ampliação do terminal hidro-rodoviário e a requalificação do Porto e/ou da Orla. Essas mudanças que são verificadas no espaço ocasionaram também modificações na vida das pessoas, no cotidiano, que passaram e ainda passam por transformações cotidianamente.

Do ponto de vista espacial, essas mudanças significam uma ruptura que passam a determinar um novo tempo, um tempo moderno, com objetos que não são comuns de serem verificados em pequenas cidades da Amazônia. No entanto, essa nova temporalidade espacial verificada no Porto da cidade parece não ter sido captada pelos diferentes sujeitos que o utilizam, pois os usos e os costumes ligados ao uso do rio e das águas como continuidade da vida ainda permanecem nas práticas socioespaciais da população. Isto significa que, em grande medida, as intervenções realizadas reforçaram/potencializaram os usos e apropriações já existentes no Porto da cidade, com exceção da Prainha, que denota uma utilização ligada à artificialização do espaço, escapando de uma utilização ligada às vivências e experiências historicamente construídas.

A hidrelétrica, a modernização do espaço da cidade e as implicações nas atividades comerciais

Esta seção tem o objetivo de apresentar algumas das principais mudanças ocorridas nas atividades comerciais em razão do empreendimento. É importante ressaltar que a construção da hidrelétrica não ocasionou uma enorme expansão e surgimento de novas atividades comerciais na cidade. Embora tenham sido implantadas novas atividades na cidade após o ano de 2011 nem todas estão relacionadas à implantação de Belo Monte, conforme revelaram os dados da pesquisa de campo. No entanto, mesmo a hidrelétrica não tendo contribuído em grande medida para o surgimento de novas atividades comerciais, ela impulsionou um maior dinamismo econômico na cidade, contribuindo para o aumento da concorrência, da comercialização (venda e lucro), além de demandar a modernização de algumas atividades/estabelecimentos.

Conforme apontam as estatísticas colhidas no trabalho de campo, 60% dos estabelecimentos comerciais afirmaram que houve um aumento da concorrência após a construção da usina, enquanto 40% relataram que não houve aumento da concorrência. Apesar do contraste verificado nos dados colhidos em campo, o aumento da concorrência pode ser explicado pelo fato de que não era comum verificarmos na cidade diversos estabelecimentos do mesmo ramo de negócios, com exceção do setor de secos e molhados. Ou seja, em função da instalação de novas atividades comerciais na cidade, estas passaram a competir com as já existentes, o que revela essa elevação na concorrência e na competitividade comercial.

Comparando a pequena cidade de Vitória do Xingu com a cidade média de Altamira, nota-se diferenças no que se refere a instalação de empreendimentos no interior da cidade. Segundo o trabalho de Carvalho (2019), vários empreendimentos comerciais modernos se instalaram em Altamira, conforme os grifos da autora:

Com a implantação da Usina Hidrelétrica de Belo Monte em 2011, houve a inserção de novos agentes econômicos em Altamira, principalmente do subsistema do circuito superior da economia urbana, sendo este circuito composto pelas grandes empresas, bancos e atividades ligadas ao ramo da alta tecnologia (CARVALHO, 2019, p. 12).

Dadas as diferenças da inserção de atividades econômicas em Altamira e Vitória do Xingu, é pertinente considerar a intensidade da atuação de empresas,

firmas e instituições na cidade média altamirense, quando na pequena cidade vitoriense essa atuação não ocorreu com o mesmo afinco. Um dos fatores que possam explicar essa não inserção desses agentes em Vitória do Xingu se dá pelos diferentes papéis desempenhados pelas cidades na rede urbana. A incorporação dessas atividades em uma cidade como Altamira se torna mais vantajosa para as empresas devido às possibilidades de atender as demais cidades vizinhas, como Anapu, Brasil Novo e Medicilândia, por exemplo.

No entanto, algumas atividades que antes não existiam ou que não eram tão significativas no circuito econômico da cidade de Vitória do Xingu, surgiram ou ganharam mais força com a implantação da hidrelétrica de Belo Monte. São exemplos dessas atividades os estabelecimentos ligados a venda e conserto de aparelhos eletrônicos (celular), óticas e provedores de internet.

Em contrapartida, os dados dos estabelecimentos que informam que não houve aumento da concorrência, verifica-se que não surgiram outras atividades comerciais do mesmo ramo na cidade, fazendo com que estas não apresentassem tendências competitivas na venda e/ou na comercialização de seus produtos e serviços.

Outro fator de destaque nas atividades econômicas na cidade de Vitória do Xingu em função da construção da hidrelétrica de Belo Monte foi o aumento das vendas, proporcionando um aumento dos lucros nos estabelecimentos comerciais. Acredita-se que o aumento dos lucros nos estabelecimentos decorre do acréscimo populacional influenciado pela construção da UHE Belo Monte, onde houve um aumento da demanda por produtos e serviços, ocasionando uma comercialização interna desses produtos na cidade e contribuindo com o aumento dos rendimentos desses estabelecimentos.

O aumento das vendas condiciona, eventualmente, a necessidade dos estabelecimentos comerciais se valerem de outros meios de recebimento dos produtos vendidos, que não seja somente o dinheiro em espécie. Uma dessas formas é a utilização da máquina de cartão de crédito/débito. A utilização desse equipamento pode ser percebida como um sinal ou um aspecto da modernização dos estabelecimentos comerciais.

A introdução desse equipamento pelos estabelecimentos comerciais é uma característica que é percebida com maior frequência após a construção da UHE Belo Monte. Não se trata de afirmar que a utilização da máquina de cartão passa a

ocorrer em função do empreendimento, mas que a construção da hidrelétrica ocasiona novos processos à cidade, sobretudo aos estabelecimentos, como o aumento das vendas, da concorrência, e que isso repercute na necessidade do uso do equipamento.

Esse elemento da adesão à máquina de cartão por boa parte dos estabelecimentos comerciais sinaliza para um aspecto de modernização na cidade, disseminando hábitos, práticas e estilos de vida que coexistem com vivências tradicionais. Nessa discussão da introdução de novos elementos nas atividades comerciais e tomando por base a necessidade de realizar alguma melhoria no estabelecimento no sentido de torná-lo mais moderno após a construção da hidrelétrica, 45% dos informantes relataram que realizaram modificações, enquanto os outros 55% dos entrevistados ponderaram não ter realizado nenhuma modificação no espaço comercial.

Entre as principais mudanças realizadas pelos proprietários em seus estabelecimentos destaca-se a utilização da máquina de cartão de crédito/débito, a adoção de câmeras de vigilância e a informatização das vendas (caixa do estabelecimento com programas de leitura de código de barra). Além destes, destacam-se as mudanças realizadas em termos estruturais, como a ampliação do espaço, climatização e a diversificação das mercadorias comercializadas.

A (trans)formação dos bairros em função da hidrelétrica de Belo Monte

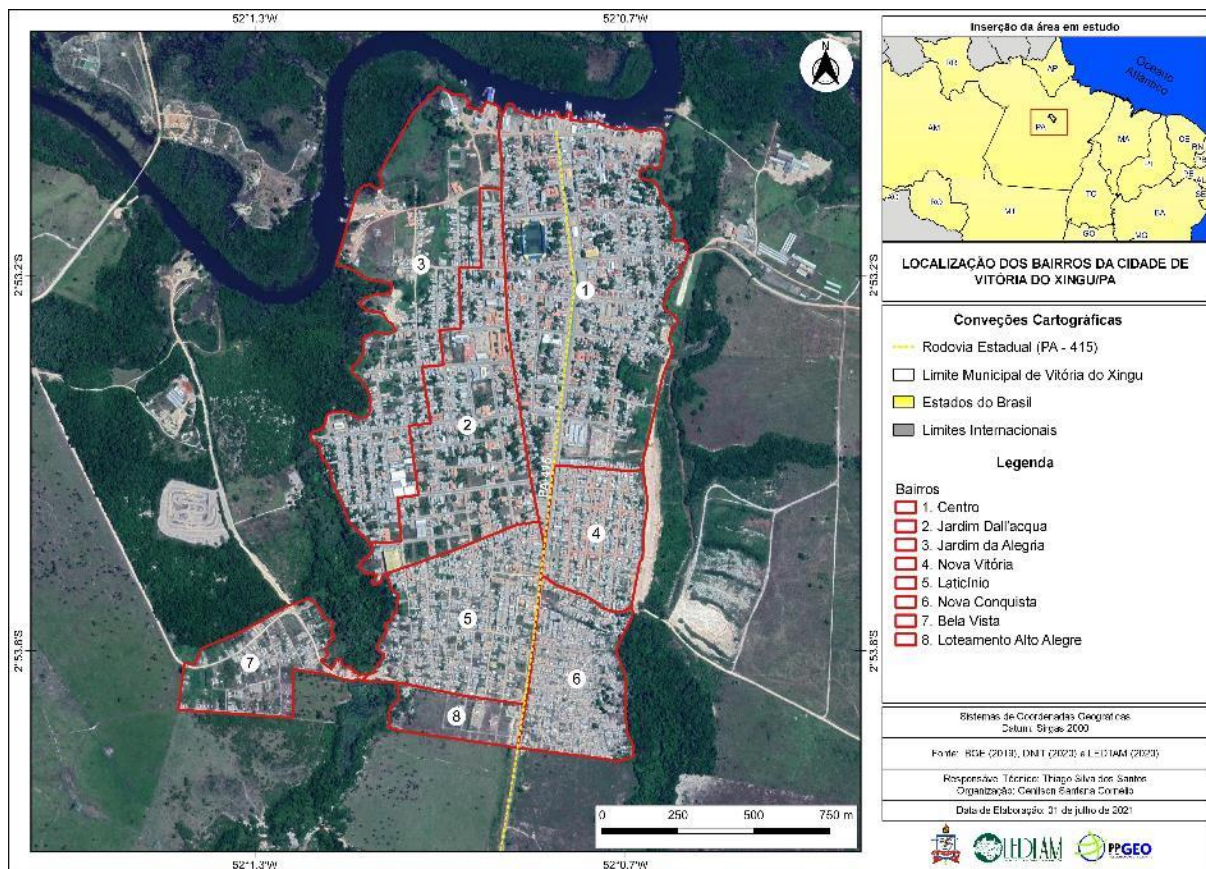
A utilização do prefixo “Trans” entre parênteses antes da palavra “Formação” tem o objetivo de evidenciar não apenas o processo de transformação dos bairros em função da construção da hidrelétrica, mas também evidenciar o processo de formação de alguns bairros após o empreendimento. É proposital, dessa forma, utilizarmos o prefixo entre parênteses para apresentar essa dualidade existente na cidade, entre os espaços de assentamento que são transformados ao passo que outros, no mesmo período, começaram a ser formados (socialmente produzidos).

Os espaços de assentamento utilizados como amostras⁶ de bairros foram os bairros Centro, Jardim Dall’acqua e Nova Conquista. A cidade de Vitória do Xingu

⁶ Para fins amostrais e estatísticos, escolhemos três bairros que aparentemente apresentam, com maior intensidade, as características dos diferentes padrões de produção do espaço: um bairro de padrão ribeirinho (Centro); um bairro de origem espontânea (Jardim Dall’acqua); e um bairro que apresenta características rodoviárias (em função da proximidade com a Rodovia), mas que se originou de forma induzida a partir de situações que extrapolam a dinâmica local, tendo sua gênese

apresenta atualmente 8 bairros (figura 4), que juntos constituem o perímetro urbano vitoriense, visto que nem todos ainda se encontram legalizados e oficializados pelo poder público enquanto bairros. No entanto, para fins amostrais e estatísticos, partiremos do princípio de que todos os aglomerados urbanos que compõem o perímetro urbano são bairros, se legalizados ou não, uma vez que para os fins dessa pesquisa é muito mais a produção do espaço que interessa, não desqualificando ou menosprezando, obviamente, a importância da institucionalidade e da legalidade.

Figura 4 - Localização dos bairros da cidade de Vitória do Xingu/PA.



Fonte: LEDTAM/UFPA (2021).

Os bairros Centro e Jardim Dall'acqua surgiram antes da construção da hidrelétrica de Belo Monte, em períodos que se assemelham à própria formação da cidade. Estes dois bairros sofreram transformações em suas estruturas após o início do empreendimento. Já o bairro Nova Conquista, por outro lado, surgiu após o início

atrelada ao aumento populacional influenciado pela construção da hidrelétrica, o qual denominamos de bairro com padrão rodoviário-induzido (Nova Conquista).

das obras da usina⁷, ou seja, seu processo de formação originou-se tendo como uma das referências a construção da hidrelétrica.

O contexto no qual a cidade passou a estar ligada após a inserção da hidrelétrica no território oportunizou uma série de mudanças nos mais diversos espaços citadinos, por meio de intervenções urbanas, em sua grande maioria. Tal contexto de mudanças verificados nos bairros após a construção da usina é percebido por 66,7% dos informantes, enquanto 33,3% relatam que as mudanças recentes ocorridas nos espaços de assentamento intra-urbano não têm relação com a hidrelétrica.

Essa percepção das transformações ocorridas na cidade após a construção da hidrelétrica é visualizada pela grande maioria da população porque antes de 2011 as mudanças ocorridas na estrutura da cidade no plano do visível ocorriam de maneira tímida, sem muito destaque. Após esse período, momento que coincide com o período da construção da hidrelétrica e o município passa a receber as compensações financeiras em virtude do empreendimento, são verificadas na cidade um emprego de capitais destinados a melhorias e até mesmo construção de novos objetos espaciais, como praças, quadras de esporte, academias ao ar livre, escolas, hospitais e postos de saúde.

Um exemplo disso foi a construção de um estádio de futebol, denominado “Arena Xingu” (figura 5), uma grande obra com um enorme volume midiático. Foi construída no local onde funcionava o estádio municipal de futebol Padre João, nas dependências do bairro Centro.

⁷ Apesar da escolha desse bairro para analisar, ele não é o único na cidade que teve sua origem após a construção da UHE Belo Monte. Os bairros Laticínio, Nova Vitória e Bela Vista também são fruto desse mesmo processo.

Figura 5 - Vista interna da Arena Xingu.

Fonte: LEDTAM/UFGA (2019). Organização dos autores.

A partir de uma vista panorâmica de dentro da arena é possível verificar os atributos modernos empregados na construção do estádio. Na entrada, há catracas para controlar e organizar a entrada do público. As arquibancadas foram construídas de modo a assegurar uma boa visibilidade aos jogos. No total, a arquibancada tem uma capacidade para 5.000 pessoas. O gramado da arena é de material sintético. O campo é cercado por placas de acrílico.

Os investimentos feitos na construção da Arena Xingu superam cerca de 6,5 milhões de reais (NEVES, AMORIM; AMARAL, 2019). A construção desse objeto espacial acaba reproduzindo um espaço que indica ideários da modernização inseridos no território municipal após a construção da hidrelétrica. Esses aspectos apontam as transformações recentes na pequena cidade de Vitória do Xingu, a qual passa a apresentar diferentes tempos e espacialidades.

Além do estádio (Arena Xingu) no bairro Centro, ocorreram mudanças, construções e reformas em equipamentos urbanos em outros bairros da cidade,

como no bairro Jardim Dall'acqua, por exemplo. Em 2012, ocorreu a construção da quadra de esportes e da academia ao ar livre ao lado da mesma (figura 6).

Figura 6 - Visão noturna da quadra do bairro Jardim Dall'acqua.



Fonte: Os autores (2021).

O que chama a atenção na maior parte das obras realizadas na cidade é o caráter moderno das estruturas empregadas nestes espaços, como a espetacularização da iluminação constante na quadra e ao seu redor, com lâmpadas de LED. Essas novas espacialidades denotam características e atributos que não se notavam na cidade antes da construção do empreendimento, o que nos remete a (re)afirmar que a hidrelétrica se configura como a principal responsável pela modernização do espaço urbano vitoriense.

Não significa dizer que a hidrelétrica em si que oportunizou essas mudanças na cidade, mas que os desdobramentos provocados pela construção da usina (como os repasses financeiros pela utilização dos recursos hídricos municipais) implicaram em redefinições espaciais na urbe.

É claro que essas mudanças verificadas nos bairros não ocorreram apenas a partir da construção de equipamentos como o estádio e as quadras. Além dessas transformações, verifica-se também a melhoria de estruturas já existentes, como as ruas, por exemplo. Anterior ao ano de 2011, a única rua pavimentada da cidade era a avenida Manoel Félix de Farias (rodovia Ernesto Acioly - PA-415). Todas os

demais logradouros conviviam com o solo exposto, em meio à poeira no verão e as possas de lama durante o inverno.

No que tange aos aspectos urbanísticos relacionados as ruas da cidade, estas passaram por significativas mudanças, sobretudo nos bairros mais antigos, como o Centro, Jardim Dall'acqua e Jardim da Alegria. Anterior ao ano de 2011, a maioria das ruas da cidade padeciam de problemas como a falta de pavimentação, além da ausência de drenagem pluvial e calçadas.

A pavimentação, a construção de calçadas, e a implantação de drenagem urbana, ao menos nos bairros mais antigos da cidade, iniciou-se após o ano de 2012. A estrutura verificada na cidade antes do período mencionado, foi rapidamente transformada pelo acréscimo de novos atributos urbanos. “A Norte Energia concluiu, em 2014, a implantação de 29 km de rede de esgoto, além de 12 km de rede de drenagem de águas pluviais e 12,8 km de rede de água” (NORTE ENERGIA, 2020, p. 68).

No período atual, a grande maioria das ruas dos bairros antigos da cidade conta com essas particularidades urbanísticas. No entanto, os bairros mais recentes, que surgiram através do processo de ocupações urbanas iniciados na cidade a partir de 2012, ainda padecem dessas infraestruturas. A precariedade das ruas denota uma parte da cidade esquecida pelo poder público municipal, que contrasta com os bairros antigos da cidade.

O bairro Nova Conquista é um desses bairros que surgiram fruto do processo de ocupação iniciado na cidade. Situado ao longo da Rodovia Ernesto Acioly (PA-415), foi socialmente produzido após o boom de Belo Monte e a sua espacialidade apresenta uma face da antiga Vitória do Xingu, como se fosse uma parte da cidade que não foi inserida no contexto das melhorias infraestruturais pelas quais passaram os demais bairros. Essa parte da cidade reverbera vários problemas que eram comuns e cotidianos na cidade antes de 2012⁸.

⁸ Apesar da escolha desse bairro para analisar, ele não é o único na cidade com essas características de espaço de assentamento de caráter rodoviário induzido, assim como não é o único com características de precariedade. Outro bairro com as mesmas características do Nova Conquista é o bairro Laticínio.

Considerações finais

A análise das transformações urbanas na cidade de Vitória do Xingu após a construção da usina hidrelétrica de Belo Monte permite-nos compreender os distintos processos de mudança pelos quais passam os diferentes espaços submetidas às tentativas de expansão do capital na região. Em Vitória do Xingu, por exemplo, verificou-se um conjunto de mudanças com uma intensidade em um tempo muito veloz. Coube-nos então ressaltar e capturar um pouco dessas mudanças.

No que se refere ao Porto da cidade, percebe-se algumas mudanças de caráter estrutural no terminal hidro-rodoviário e no local de embarque e desembarque flúvio-rodoviário, com a ampliação e construção de trapiches de concreto, no entanto, sem profundas alterações nas dinâmicas (relações socioespaciais) que esses espaços desempenham.

Por outro lado, a construção da Prainha ao longo do Porto caracteriza-se como um cenário de mudança nas práticas desempenhadas a beira-rio da cidade, eis que agora passa a apresentar uma nova forma de uso do espaço, atrelada ao exercício do lazer, diferentemente dos demais espaços ao longo do Porto, em que seus usos ocorrem através de práticas circunscritas à (sobre)vivência (SILVA; MALHEIRO, 2005), à dinâmica socioeconômica, simbólica e cultural.

Após a construção da UHE Belo Monte, verifica-se uma tendência muito forte de mudanças nos estabelecimentos comerciais, sobretudo pela existência de melhores infraestruturas, além de mecanismos modernos utilizados na venda das mercadorias, como máquinas de cartão de crédito/débito e programas com leitores de código de barras. Dessa forma, entrevê-se que a cidade passa a apresentar, a partir das atividades comerciais, novas formas de desempenhar a comercialização de seus produtos.

Em função do emprego dos royalties provenientes da hidrelétrica, os objetos espaciais construídos na cidade, como o estádio de futebol e as quadras de esporte caracterizam-se como sinais da modernização no interior da cidade, estabelecendo um grande impacto paisagístico em uma pequena cidade da Amazônia.

De um modo geral, os espaços de assentamento socialmente produzidos antes da hidrelétrica sofreram grandes mudanças após a construção da usina, pelo menos no que se refere a implantação de elementos estruturais, como a pavimentação, rede de esgoto e drenagem pluvial. Por outro lado, a produção de

novas espacialidades urbanas, fruto do processo de ocupação iniciado na cidade após a construção da UHE Belo Monte, originou novos bairros situados nas proximidades da rodovia com fortes aspectos de periferização.

Por fim, destaca-se que as abruptas mudanças técnicas ocorridas em Vitória do Xingu, mediadas pelo evento da construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, que em um curto período de tempo alterou a dinâmica da cidade, acarretou em transformações não apenas técnicas, mas de maneira igual nos conteúdos sociais e nas relações desenvolvidas pela população local com o espaço. Significa ponderar que a nova modernidade técnica é capaz de mudar as relações sociais de produção.

REFERÊNCIAS

- BECKER, Bertha. **A urbe amazônida: a floresta e a cidade**. 1ª. Ed. – Rio de Janeiro: Garamond, 2013.
- CARVALHO, Gleiciely Barroso. **Reprodução urbana na Amazônia: interpretação do circuito superior da economia da cidade de Altamira (PA)**. Dissertação (Curso de Mestrado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO), Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.
- LEDTAM/UFPA. **Laboratório de Estudos das Dinâmicas Territoriais na Amazônia**. Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Altamira, Faculdade de Geografia, 2021. Acesso: <https://ledtam.ufpa.br/index.php/pt-br/>. Acesso em: 04 mar. 2021.
- LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**. Madrid: Capitán Swing, 2013.
- MIRANDA NETO, José Queiroz de. **Os nexos de re-estruturação da cidade e da rede urbana: o papel da Usina Belo Monte nas transformações espaciais de Altamira-PA e em sua região de influência** / José Queiroz de Miranda Neto. - Presidente Prudente: [s.n], 2016. 370 f. Tese (doutorado).
- NEVES, Italla Cristina; AMORIM, Edilane Bezerra; AMARAL, Márcio Douglas. Grandes projetos econômicos (GPE) na volta grande do Xingu: implicações socioespaciais no município de Vitória do Xingu. **Nova Revista Amazônica**, v. 7, n. 3, p. 25-48, 2019.
- NORTE ENERGIA S.A. **Relatório final consolidado de 2020**. Janeiro de 2021. Acesso em: <https://www.norteenergiasa.com.br/pt-br/norte-energia/relatorios-aneais>. Acesso em: 26 fev. 2021.
- OLIVEIRA, J. A.; SCHOR, T. Das cidades da natureza à natureza das cidades. In: Saint-Clair Cordeiro da Trindade Júnior e Maria Goretti da Costa Tavares. (Org.). **Cidades ribeirinhas da Amazônia: mudanças e permanências**. Belém: EDUFPA, 2008, v., p. 15-26.
- SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. 5ª. Ed., reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.
- SILVA, Marcos Alexandre Pimentel da; MALHEIRO, Bruno Cezar Pereira. “A face ribeirinha da orla fluvial de Belém: espaço de (sobre)vivência na diferença”, In Saint-Clair Cordeiro

Trindade Jr., Marcos Alexandre Pimentel da Silva (orgs.), **Belém: a cidade e o rio na Amazônia**, Belém, Edufpa, 2005, p. 145-169.

TRINDADE JR., Saint-Clair Cordeiro da. Das “cidades na floresta” às “cidades da floresta”: espaço, ambiente e urbanodiversidade na Amazônia brasileira. **Papers do NAEA**, Belém, n. 321, p.1-22, dez., 2013.

Notas de Autor

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Genilson Santana Cornélio – Concepção e elaboração do manuscrito. Coleta e análise de dados. Participação ativa na discussão dos resultados.

Márcio Douglas Brito Amaral – Concepção e elaboração do manuscrito. Coleta e análise de dados. Participação ativa na discussão dos resultados. Revisão e aprovação da versão final do trabalho.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY-NC](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, sem uso comercial e desde que atribua a autoria da obra.

HISTÓRICO

Recebido em: 20-01-2023

Aprovado em: 22-03-2023